

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 16, número 1 (2025)  
ISSN: 2177-2886

Artigo

## As Heranças da Modernidade e a Hipersexualização do Homem Negro: O Esvaziamento de Si e o Corpo como um Espaço

*Los Legados de la Modernidad y la Hipersexualización  
del Hombre Negro: El Vaciamiento del Yo y el Cuerpo  
como un Espacio*

*The Legacies of Modernity and the Hypersexualization  
of the Black Man: The Emptying of the Self and the  
Body as a Space*

**Ivan Ignácio Pimentel**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Brasil  
ivan.pimentel@uerj.br

**Jeziel Silveira Silva**

Universidade Federal de Goiás - Brasil  
jezielsilveira@hotmail.com

**Ulisses da Silva Fernandes**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Brasil  
udsfernandes@gmail.com

Como citar este artigo:

PIMENTEL, Ivan Ignácio; SILVA, Jeziel Silveira; FERNANDES, Ulisses da Silva. As Heranças da Modernidade e a Hipersexualização do Homem Negro: O Esvaziamento de Si e o Corpo como um Espaço. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 16, n. 1, p. 172-196, 2025. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# As Heranças da Modernidade e a Hipersexualização do Homem Negro: O Esvaziamento de Si e o Corpo como um Espaço

*Los Legados de la Modernidad y la Hipersexualización del Hombre Negro: El Vaciamiento del Yo y el Cuerpo como un Espacio*

*The Legacies of Modernity and the Hypersexualization of the Black Man: The Emptying of the Self and the Body as a Space*

## Resumo

A modernidade estabeleceu a cor da pele como fronteira entre sujeitos considerados civilizados e os "Outros", classificados como primitivos. Ao esvaziar o corpo negro de si, o pensamento hegemônico impõe ao corpo masculino negro uma perspectiva animalizada, reelaborando-o a partir de um vazio existencial. Ao ter o corpo representado a partir da brutalidade e da violência, aquele mesmo que é rejeitado em diversas espacialidades, será responsável por alimentar desejos e fetiches atravessados pelo imaginário de virilidade. Dessa forma, o presente artigo busca compreender o corpo do homem negro como um espaço e de que modo este é mercantilizado através de uma plataforma virtual pornográfica, a *Xvideos.com*, plataforma muito acessada durante a pandemia, de modo a atender aos desejos e fetiches presentes no imaginário social. Para compreendermos a hipersexualização do corpo negro no ciberespaço, a metodologia de análise do conteúdo será aplicada buscando sistematizar informações sobre os títulos dos vídeos que abordam a masculinidade negra associada à virilidade, força, potência e violência. Como resultado, observamos que o número de acessos à referida plataforma, na casa dos milhões de visualizações, bem como as referências depreciativas nos vídeos pornográficos, confirma um imaginário hipersexualizado e desumanizado para com os corpos negros.

Palavras-Chave: Modernidade; Ciberespaço; Corpo negro; Masculinidade; Virilidade.

## Resumen

La modernidad ha establecido el color de la piel como una frontera entre los sujetos considerados civilizados y los "Otros", clasificados como primitivos. Al vaciar el cuerpo negro de sí mismo, el pensamiento hegemónico impone una perspectiva animalizada sobre el cuerpo masculino negro, reelaborándolo desde un vacío existencial. Al tener el cuerpo representado desde la perspectiva de la brutalidad y la violencia, el mismo cuerpo que es rechazado en diversas espacialidades será responsable por alimentar deseos y fetiches atravesados por el imaginario de la virilidad. Así, este artículo busca comprender el cuerpo del hombre negro como espacio y cómo se mercantiliza a través de una plataforma pornográfica virtual, *Xvideos.com*, una plataforma ampliamente accedida durante la pandemia, para satisfacer los deseos y fetiches presentes en el imaginario social. Para comprender la hipersexualización del cuerpo negro en el ciberespacio se aplica la metodología de análisis de contenido, buscando sistematizar información sobre los títulos de videos que abordan la masculinidad negra en términos de virilidad, fuerza, potencia y violencia. Como resultado, observamos que el número de accesos a la plataforma mencionada, en millones de visualizaciones, así como las referencias despectivas en vídeos pornográficos, corroboran la confirmación de un imaginario hipersexualizado y deshumanizado hacia los cuerpos negros.

Palabras-Clave: Modernidad; Ciberespacio; Cuerpo negro; Masculinidad; Virilidad.

Ivan Ignácio Pimentel, Jeziel Silveira Silva, Ulisses da Silva Fernandes



### **Abstract**

Modernity established skin color as a boundary between subjects considered civilized and Others, classified as primitive. By emptying the black body of itself, hegemonic thinking imposes an animalized perspective on the black male body, reworking it from an existential void. By having the body represented through brutality and violence, the same person who is rejected in different spatialities will be responsible for feeding desires and fetishes crossed by the imaginary of virility. Therefore, this article seeks to understand the black man's body as a space and how it is commodified through a virtual pornographic platform, Xvideos.com, a platform widely accessed during the pandemic to meet desires and fetishes present in the social imagination. To understand the hypersexualization of the black body in cyberspace, the content analysis methodology will be applied seeking to systematize information about the titles of videos that address black masculinity, virility, strength, potency and violence. As a result, we observed that the number of accesses to the aforementioned platform, in the millions of views, as well as the derogatory references in pornographic videos, confirm a hypersexualized and dehumanized imaginary towards black bodies.

**Keywords:** Modernity; Cyberspace; Black body; Masculinity; Virility.

### **Introdução**

Ao considerarmos o espaço como um elemento em constante modificação, compreende-se que o grande palco das relações sociais é moldado pela sociedade em acordo com as suas especificidades. Porém, ao mesmo tempo em que molda, igualmente estabelece regras e normatiza comportamentos e corporeidades. Nesse sentido, ao compreender a sociedade como algo mutável e plural, uma vez que a relação “sociedade e natureza” é mediada pela cultura (Claval, 1999), observa-se que a organização do espaço está em constante transição, conforme aponta Souza (2013).

Ao considerar que a ação humana é, muitas das vezes, permeada por uma perspectiva política contextualizada, normatizada e canalizada pela cultura dominante, o/a negro/a, em consonância com os pressupostos culturais estabelecidos pela modernidade, é violentamente considerado “o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, em espírito, em mercadoria” (Mbembe, 2014, p. 19). A partir do modelo imposto pela branquitude<sup>1</sup>, compreende-se que as questões de raça – ainda mais quando associadas às de gênero – são importantes para entendermos o processo de construção espacial (Petruccelli, 2013). Dessa forma, pode-se observar que cor da pele e gênero, fundamentalmente quando são imbricados, remetem diretamente a marcadores que retratam as vivências do corpo negro em diversas espacialidades, inclusive no ciberespaço. Nesse sentido:

essa ligação entre percepções do corpo, construções sociais de raça e gênero, lucratividade da pornografia e conceituações de sexualidade

---

1 De acordo com Erika Farias (2019, s.p.), “a branquitude é sempre um lugar de vantagem estrutural do branco em sociedades estruturadas pelo racismo, ou seja, todas aquelas colonizadas pelos europeus, porque a ideia de superioridade surge ali e se espalha via colonização. Dessa forma, colocam as definições vindas da branquitude como se fossem universais. O que chamamos de História Geral, por exemplo, deveria ser chamada de “História branco-europeia”.

que informa o tratamento dos corpos negros como objetos pornográficos promete ter implicações significativas na forma como avaliamos a pornografia contemporânea. A importância da pornografia como esfera das opressões interseccionais promete lançar nova luz para a compreensão das injustiças sociais (Collins, 2019, p. 239).

Ao pensar a comercialização, a objetificação do homem negro e os novos mecanismos de opressão, o espaço virtual passa a ser considerado uma importante espacialidade. Ao atravessar o cotidiano de muitos indivíduos, em virtude das transformações tecnológicas, por meio da Internet, o ciberespaço reverbera discursos ideológicos (Gomes, 2021) criados e perpetuados pela branquitude, como a brutalidade, violência e hipersexualização, as quais foram impostas ao corpo negro. Cabe ressaltar que, ao pensarmos em imposição, vocábulo proveniente do latim *impositio* (Imposição, 2024) e que significa ação de impor, determinar, estabelecer ou obrigar a aceitar, pode-se afirmar que a construção do corpo negro como um espaço foi determinada, ou seja, imposta de forma violenta pela modernidade, através da hierarquização racial.

A pandemia de COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, algo ainda com fortes reverberações na sociedade, estimulou o redirecionamento de olhares e vidas para o ciberespaço, enxergando-o como uma “janela aberta” para novas possibilidades. O isolamento social foi capaz de proporcionar fugas e encontros de amparo em uma sociedade em rede (Mota, 2022), pois, na espacialidade abordada, encontramos caminhos para o desenvolvimento de atividades de ensino, para realizarmos infinitas reuniões de trabalho, para encontrarmos nossos amigos e, até mesmo, para comemorarmos aniversários e celebrarmos datas festivas. Dessa maneira, os corpos que antes ocupavam as mesas de bares, agora passam a ocupar a rede para participar de reuniões virtuais.

Entretanto, não foi só isso que aconteceu. Quando o nosso espaço se restringiu à dinâmica da casa, o consumo de pornografia em diversas categorias foi alavancado no Brasil (Resadori, 2020). Esse fato nos motivou a escolher a plataforma on-line de vídeos Xvideos como nosso recorte ciberespacial, pois, além de ser um sítio amplamente visitado, observa-se no referido sítio eletrônico a disponibilidade de um catálogo com grande diversidade de vídeos voltados para diversos públicos interessados em pornografia explícita, atendendo a diferentes fetiches, desejos, fantasias, sexualidades etc.

Se, anteriormente, notadamente nos anos 1970-80, a forma de consumir conteúdos eróticos filmados se dava por meio dos cinemas pornôns que se localizam em sua maioria nas grandes cidades brasileiras (Pena, 2018), ou, já nos anos 1990 e 2000, através do aluguel de fitas *Video Home System* (VHS) ou *Digital Versatile Disc* (DVD) nas chamadas locadoras de vídeos, com o avanço da Internet esse tipo de consumo se torna mais rápido e cada vez mais acessível, muitas das vezes de modo gratuito e on-line (Mendes, 2020). Para Zattoni *et al.* (2020), o consumo de pornografia aumentou devido ao uso generalizado da Internet, pois basta apertar uma tecla para que se descortine uma vitrine virtual de categorias diante dos nossos olhos, despertando a nossa

curiosidade e fazendo emergir novas ânsias, fantasias e excitações.

Ao observarmos o aumento do consumo de pornografia durante a pandemia, conforme aponta o estudo de Irizarry *et al.* (2023), quando as visualizações do Pornhub aumentaram para mais de 24%, e ao correlacioná-lo às heranças da modernidade, aponta-se para a hipótese de que, ao ser esvaziado de si violentamente pela potestade dominante, o corpo do homem negro passa a ser representado como pouco evoluído, primitivo e animalizado. Tal visão eurocêntrica pertinente ao século XIX ainda hoje é perpetuada e mercantilizada através de vídeos pornográficos explícitos exibidos e acessados em plataformas digitais como a *Xvideos*. A mesma perspectiva pode ser observada em Collins (2019, p. 236), ao esclarecer que:

a pornografia contemporânea consiste em uma série de ícones ou representações que orientam a atenção do espectador para a relação entre o indivíduo retratado e as qualidades gerais atribuídas a essa classe de indivíduos. As imagens pornográficas são iconográficas na medida em que representam realidades da maneira determinada pela posição histórica dos observadores e por sua relação com o tempo e com a história das convenções que elas empregam.

A partir da hipótese apontada, o artigo em tela tem como objetivo geral analisar a construção do corpo do homem negro heterossexual cis como espaço. Além disso, como objetivo específico, pretende-se mostrar o quanto a perpetuação das heranças da modernidade, por meio da hipersexualização, em especial no sítio eletrônico *Xvideos*, permanece animalizando esses indivíduos, reduzindo-os ao falo e à virilidade animalesca durante os atos sexuais.

Para uma melhor análise dos diversos títulos de vídeos obtidos durante o trabalho de pesquisa em nosso recorte espacial, considerou-se relevante o uso da metodologia de análise de conteúdo, pois acredita-se que tudo o que é dito ou escrito nos meios de comunicação é suscetível a uma sistematização. Assim, para Bardin (1977), por meio da análise de conteúdo, procura-se estabelecer uma análise técnica, correlacionando as estruturas semânticas ou linguísticas com as psicológicas ou sociológicas, como condutas, ideologias e atitudes dos enunciados.

O presente artigo está estruturado em duas partes. Em um primeiro momento, abordaremos o processo de construção da masculinidade negra e o corpo como espaço, mostrando como as heranças da modernidade, arbitrariamente, esvaziaram o homem negro de si e o associaram a elementos como força, virilidade e brutalidade. Ou seja, faremos uma abordagem para demonstrar o quanto os instrumentos discursivos serviram para animalizar os sujeitos negros e hipersexualizar os seus corpos. Posteriormente, contemplaremos o advento dos espaços virtuais ou ciberespaços no contexto pandêmico, demonstrando como esses espaços, a partir da plataforma de vídeo indicada, continua animalizando os homens negros, reproduzindo heranças do imaginário social que ainda hoje hipersexualizam negros, objetificando a sua existência.

Importantes trabalhos acadêmicos abordando a questão racial e a construção do espaço vêm sendo desenvolvidos pelas geografias *negrxs*, representando



um importante avanço para que o espaço seja pensado e analisado a partir de perspectivas contra-hegemônicas. Considerar o ciberespaço como uma espacialidade que atravessa o cotidiano de diversos sujeitos e enxergar a cristalização de uma "identidade essencializada", imposta brutalmente pelos binômios da modernidade, representa um importante passo para repensarmos uma sociedade que ainda reduz o homem negro ao falo e ao instinto, destituindo-o de toda a humanidade.

Compreender o homem negro a partir da sua concepção de mundo, como um sujeito capaz de produzir suas narrativas conforme suas vivências e trajetórias, simboliza um importante caminho para questionarmos o discurso que o reduz ao falo, narrativa produzida pela branquitude e que ainda hoje impacta a vida de crianças e jovens negros, fazendo com que não se sintam capazes de desenvolver atividades intelectuais e permaneçam aprisionados à força atribuída ao "corpo mercadoria", criado para atender aos pressupostos da potestade colonial.

### **O esvaziamento de si e a construção da masculinidade negra: o corpo como um espaço**

Ao longo das duas últimas décadas, no Brasil, tem-se constatado o avanço das pesquisas em geografia, gênero e sexualidade, questionando as perspectivas espaciais oriundas da modernidade e possibilitando a realização de construções espaciais a partir de sujeitos que tiveram as suas narrativas invisibilizadas. Apesar do avanço da temática, estudos geográficos envolvendo as masculinidades negras ainda são incipientes e carecem de novas investigações.

Dessa forma, visando ampliar o debate sobre masculinidades negras, buscaremos compreender como a modernidade foi capaz de moldar os corpos brutalmente a partir de um viés eurocêntrico e, ao mesmo tempo, impor espacialidades subalternas. Ao associar o/a negro/a a um ser não evoluído, ou até primitivo, o viés colonial o destituiu da capacidade humana, objetificando-o e transformando-o em um corpo-mercadoria. Ao vivenciar espacialmente as imposições feitas pelas branquitude, observa-se que "o corpo abre-se para o vivido no seio de uma prática que é socioespacial, sugerindo uma análise que caminha na direção oposta à sua apologia como exploração sexual ou mera exposição da mercadoria" (Carlos, 2014, p. 474).

A invenção da raça a partir da cor da pele representa uma fronteira construída pela modernidade para justificar a sua hegemonia. Ao considerar a construção identitária como jogo político de palavras, conforme aborda Silva (2013), fica evidente que a invenção do/a negro/a nada mais é do que uma forma de legitimar a existência da branquitude e estabelecer fronteiras por meio da cor da pele. Para Morrison (2019, p. 54):

a necessidade de transformar o escravizado numa espécie estrangeira parece ser uma tentativa desesperada de confirmar a si mesmo como normal. A urgência em distinguir entre quem pertence à raça humana é tão potente que o foco se desloca e mira não o objeto da degradação, mas seu criador. Ser branco é algo tão normal, que a questão envolve

somente indivíduos pretos/as.

Ao ser violentamente destituído de sua humanidade e ter uma identidade animalizada imposta ao seu corpo, o/a negro/a, contra a sua vontade, torna-se um receptáculo de tudo que o lhe fora imposto socialmente. Quando associado a um conjunto de significados que lhe são atribuídos, sua corporeidade original é, arbitrariamente, inferiorizada ou subalternizada na hierarquia prescrita pela branquitude. Eze (2014, p. 40), analisando as ideias de Kant, destaca que o filósofo “manifesta uma desarticulada adesão a um sistema de pensamento que assume que aquele é o diferente, especialmente o que ‘é negro’ é mau, inferior ou a negação moral do branco, luminoso e bom”.

Ao ser privado de humanidade, o homem negro animalizado passa a ser considerado como um indivíduo que não alcançou o nível mínimo necessário para ser considerado humano conforme o tempo-espaço definido pela branquitude. Cruz (2017) afirma que, ao se construir uma linearidade temporal, tal homem negro é pensado de forma diacrônica, sendo a história e os espaços compreendidos a partir de estágios e etapas sucessivas. Com a mesma perspectiva de pensamento, Mbembe (2014, p. 208), afirma que:

por outras palavras, não existe tempo em si. O tempo nasce da relação contingente, ambígua e contraditória que mantemos com as coisas, com o mundo e, até, com o corpo e seus duplos. Como aliás Merleau-Ponty indica, o tempo (mas pode dizer-se o mesmo da recordação) nasce de um certo olhar sobre o eu, sobre o outro, sobre o mundo e sobre o invisível.

Nesse sentido, ao considerar o mundo a partir de uma concepção linear, a teoria do Espaço Vital, defendida por Ratzel e pela geografia colonial proposta por Vidal de La Blache (Moraes, 2007), aparelhou o Estado com instrumentos teóricos legitimadores da subalternização da África frente ao modelo geográfico europeu. A geografia clássica instrumentalizou a Europa como um verdadeiro “tribunal da razão” (Césaire, 1978, p. 13), capaz de definir um modelo único de civilização a partir de uma perspectiva histórica diacrônica. Assim, ao considerar o valor humano através da temporalidade e da espacialidade eurocentrada, o neocolonialismo constrói um abismo entre os povos considerados civilizados e os vistos como primitivos, violentando e desarticulando os povos inferiorizados diante do molde hegemônico imperialista, conforme aponta Spivak (2010).

O processo considerado civilizatório fez emergir uma nova tríade de poder, saber e subjetividades estabelecidas através da racialidade, definindo sujeitos e não-sujeitos. Assim, ao esvaziar o corpo de si por meio da anulação da sua cultura, do assassinato de religiões e aniquilamento das suas magnificências artísticas, observa-se que a colonização é materialização da coisificação do não-sujeito, mais especificamente, da população negra.

Ao impor, arbitrariamente, a construção de estátuas e outras expressões do hoje denominado patrimônio histórico (Choay, 2001), o europeu utilizou a intervenção espacial para preservar a sua memória a partir da sua concepção de herói, bem como de representações artísticas e arquitetônicas que visavam a superação de um passado considerado selvagem ou primitivo. Para além da

proposta arquitetônica que representou a espacialização de uma estrutura de poder, ao estabelecer uma linearidade baseada na perspectiva do progresso (Cruz, 2017), a colonialidade criou extremos opostos, colocando o homem branco civilizado de um lado e, do outro, o/a negro/a como um ser primitivo.

Ao imprimir as suas marcas de dominação, o colonizador tentou suprimir as diferenças de tempo e espaço e, ao mesmo tempo, estabeleceu modelos de comportamentos e corporeidades segundo a sua perspectiva moral e existencial. Assim, ao considerar o processo de construção espacial como a concretização de uma estrutura de poder, pode-se afirmar que os tentáculos da colonialidade estabelecerão um modelo único de existência, uma forma exclusiva de ser e estar no espaço. Nas palavras de Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2002, p. 391):

quem está em posições de poder acha imperativo estabelecer sua biologia como superior, como uma maneira de afirmar seu privilégio e domínio sobre os “Outros”. Quem é diferente é visto como geneticamente inferior e isso, por sua vez, é usado para explicar sua posição social desfavorecida.

A partir da imposição do sistema hierárquico racializado, a modernidade criou e estabeleceu os papéis sociais de cada povo por meio da sua racialidade (Césaire, 1978). Nesse sentido, observa-se que os dispositivos de poder criados durante o chamado “Século das Luzes” permanecem vivos, perpetuando uma estrutura estratégica e perversa em diferentes espacialidades, mantendo a dominação sobre os corpos considerados inferiores.

É importante ressaltar que essas relações de poder se configuram por meio da violência, opressão e subalternização, influenciando diretamente na concepção que o sujeito tem sobre si e acerca do papel do seu corpo no espaço. Para Mbembe (2014), ao ser esvaziado de si, da sua cultura e existência, o/a negro/a adquire uma consciência negativa, de não ser nada, inscrevendo a submissão em sua rotina e na estrutura do inconsciente. Assim, se considerarmos que a “existência seria uma ação espacial permanente” (Lussault, 2015, p. 34), a partir da obrigatoriedade de renunciar à sua existência e interiorizar a linearidade proposta pelo europeu, o/a negro/a passa a reproduzir uma ação espacial imposta pela modernidade. A partir da proposição apontada, observa-se que as táticas e estratégias de poder se desdobram por meio do controle territorial, representando uma forma de geopolítica, conforme destaca Lussault (2015).

Ao considerar que a identidade, determina e, ao mesmo tempo, é determinada pela ação espacial, conceber a geopolítica territorial e a interiorização da modernidade a partir do corpo negro nos conduz a observá-lo de forma volátil, “capaz de incorporar objetos externos em seus próprios espaços internos em um processo contínuo de devir”, conforme aponta o geógrafo americano Andrew Herod (2011, p. 63). Dessa forma, ao enxergar o corpo negro como espaço, observa-se que a geopolítica proposta pelo colonizador pode ser analisada em diversas escalas, uma vez que o espaço que habito “é uma jaula desagradável, na qual terei que me mostrar e passear. É através de suas grades que eu vou falar, olhar, ser visto. Meu corpo é o lugar



irremediável a que estou condenado” (Foucault, 2013, p. 01).

Ao impor uma "hierarquia racializada", a cor da pele simboliza uma demarcação, na qual “o corpo da biologia é de certo modo um objeto cultural” (Henry, 2012, p. 13). A partir dessa importante constatação, defende-se que “os corpos não são algo natural, dado e universal, mas formas materiais que adquirem sentido no tempo e no espaço” (Silva; Ornat, 2016, p. 63). Capitaneado pelos autores supracitados, pode-se afirmar que o corpo biológico é produto de uma perspectiva cultural e as suas experiências estão ancoradas por meio do significado atribuído a ele.

Ao transformar o negro em uma "espécie estranha", Carneiro (2005) afirma que a prática apontada representa um tipo de divisão que um dispositivo institui no campo ontológico, possibilitando a constituição de uma nova unidade, composta de um núcleo interno em que se aloja a nova identidade padronizada e, fora dele, uma exterioridade que lhe é oposta, mas essencial para a sua afirmação. A cor da pele se torna um instrumento de diferenciação que desumaniza a/o negra/o, influenciando diretamente nas suas experiências espaciais. Para Fanon (2008, p. 34):

todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.

Através do sepultamento cultural imposto pela geografia colonial, observa-se a perda do seu próprio "Eu", pois, ao ser inserido em uma cultura de forma violenta, o corpo negro sofre um sequestro que compromete a sua existência. A prática civilizatória proporciona a subordinação do/a negro/a e impõe a adoção de modelos que possibilitam a transição do "eu" animal para o "eu" civilizado. Ao aprisionar o corpo negro em um dogma, o colonizador modifica a autoimagem que o indivíduo tinha, anteriormente, sobre si. Em outras palavras, “se um indivíduo tem que dar expressão a padrões ideais na representação, então terá que abandonar ou esconder ações que não sejam compatíveis com eles” (Goffman, 2013, p. 54).

Ao ter a sua existência anulada, cria-se a obrigatoriedade de reproduzir a visão imposta pelo dominador e o corpo negro passa a lutar, de forma árdua, pela sua (re) existência, ou seja, mesmo que liberto politicamente, ele ainda continua aprisionado a um conjunto de valores ocidentais que determinam ou não a existência do indivíduo. A liberdade torna-se uma utopia, pois "a pele que habito" continua a ser contemplada como uma fronteira que o destitui do sentido de humanidade, esvaziado-o de si.

O vocábulo vazio, etimologicamente, vem do latim *vacivū* que significa vago, ou seja, significa “que nada contém; que só contém ar: garrafa vazia”. No campo da física, essa palavra representa um “espaço que não contém nenhum corpo material, ou onde as partículas materiais são muito rarefeitas; vácuo”. Já na matemática, ela denota “um conjunto que não comporta nenhum elemento” (Vazio, 2024, s/p.). Ao considerar o negro como um ser destituído de humanidade, a etimologia da palavra vazio é reproduzida em sentido estrito, desconsiderando o seu passado, a sua história e as suas perspectivas sobre a

vida e o espaço. Para Fanon (2008), ao ser esvaziado de elementos que dão significado a sua existência, o/a negro/a é aprisionado/a em um arsenal de complexos construídos pela situação colonial.

É visível que o poder de classificar e categorizar é completamente assimétrico, uma vez que apenas a potestade colonial detém o poder de significar e construir valores por meio da sua concepção de mundo. Para Silva (2013), a identidade traduz o desejo de um grupo que almeja a manutenção de privilégios. Por isso, ser homem, branco, heterossexual, cisgênero e cristão passa a fazer parte de um padrão de normalidade. Isso se constitui em uma forma sutil para a cristalização de uma estrutura de poder que determina arbitrariamente um “tipo ideal” identitário, tornando a negritude uma forma primária de Outricidade, pela qual a branquitude é construída, conforme aponta Kilomba (2019).

A construção da identidade é relacional e corpos que não se enquadram no modelo hegemônico são marcados. Por isso, Mbembe (2014) afirma que o vocábulo negro remete a uma *fantasmagoria* e “as pessoas negras tornam-se a representação daquilo que a sociedade branca tem empurrado para o lado e designado como perigoso, ameaçador e proibido” (Kilomba, 2019, p. 159). Ao inferiorizar o negro, o colonizador deseja muito mais que a subordinação política de um povo, tendo em vista que a criação da raça constitui uma tecnologia de governo.

A partir dos dispositivos de poder, os significados impostos pela branquitude impactam as mentes e penetram no mais íntimo do ser, esvaziando de si sujeitos e sujeitas que têm suas vidas usurpadas. Na escala mais íntima, o/a negro/a é construído/a a partir do corpo movido pelo instinto, pelas “pulsões irracionais e pela sensualidade primária” (Mbembe, 2014). O homem negro animalizado passa a representar, sob a ótica da branquitude, o instinto sexual não domesticado ou até mesmo “o ideal de virilidade absoluto” (Mbembe, 2014, p. 195). Potência sexual e pênis avantajado representam o instinto sexual primitivo ou não educado, dicotomicamente transformando-o em objeto de desejo e de repulsa.

Essa perspectiva foi retratada sem nenhum pudor no filme “Otto Lara Rezende ou Bonitinha, mas ordinária”, baseado em peça teatral original de Nelson Rodrigues (2012[1962]), três vezes levada às telas de cinema<sup>2</sup>, sendo a primeira no ano de 1963 (Otto, 1963). Em uma filmografia crua, na versão de 1981, o impacto inicial fica por conta da personagem Maria Cecília, interpretada pela atriz Lucélia Santos, sendo vítima de um estupro praticado por cinco homens negros, figuras grotescas que simbolizam seres animalizados guiados unicamente por seus extintos incontrolláveis ao verem uma mulher branca precisando de ajuda (Bonitinha, 1981).

A escolha dos estupradores negros não foi uma obra do acaso, pois já consta da perspectiva do texto original do dramaturgo Nelson Rodrigues (2012[1962]), que reproduz intencionalmente uma perspectiva identitária

---

2 Em 1981, o filme chega às telas com o título “Bonitinha, mas ordinária ou Otto Lara Resende”, dirigido por Braz Chediak e protagonizado por Lucélia Santos (Bonitinha, 1981); em 2013, novo filme sobre a mesma obra de Nelson Rodrigues é lançado com o título “Bonitinha, mas ordinária”, dirigido por Moacyr Góes e estrelado por Letícia Collin (Bonitinha, 2013).

alimentada pela branquitude, na qual a representação do negro primitivo reproduz o ideal de virilidade absoluto, ou seja, o animal que simplesmente segue seus extintos e pulsões de forma irracional. No texto teatral, o fragmento que relata o estupro potencializa em um aumentativo a ação brutal atribuída aos homens negros: “[...] essa menina sofreu um acidente. Um acidente do tipo especial. Vinha, de automóvel, por uma estrada. E há um enguiço. Um enguiço no motor. Ela salta. De repente, surgem, do mato, cinco criouloões. Lugar deserto. Pegam a menina, arrastam. Bem. O resto você pode deduzir [...]” (Rodrigues, (2012[1962])). Embora o final da trama questione a própria narrativa do estupro mostrada no momento inicial, isso pouco acrescenta à nossa análise, uma vez que, em ambos os casos, a figura do negro representa o instinto sexual não educado.

No processo de construção da masculinidade, o corpo é visto como um lugar construído socialmente e o falo como um importante símbolo que retrata o "ser homem" no mundo ocidental. Para Silva e Ornat (2016, p. 61), “o corpo aparece como um elemento passivo, sobre o qual o gênero é construído e ancorado”. Nesse sentido, a masculinidade do homem negro merece atenção no campo geográfico, pois, ao ser moldado a partir de um viés eurocêntrico, a cor da pele demarca uma fronteira entre o eu e o outro, e o “não-sujeito” animalizado passa a carregar subjetivações falocêntricas, que naturalizaram os microespaços e fronteiras para a utilização do corpo. Portanto, é possível perceber que o corpo em discussão, historicamente, passa da condição humana para uma situação de elemento coisificado, na qual a força e brutalidade são constantemente associadas à virilidade e potência sexual.

### **A masculinidade negra e a Plataforma Xvdeos: o ciberespaço e as heranças da modernidade**

Embora a sociedade esteja passando por inúmeras transformações, algumas heranças da modernidade ainda permanecem cristalizadas e perpetuam hierarquias constituídas no século XIX. Considerando a abordagem do presente artigo, cabe ressaltar que o ideal de masculinidade, construído desde a infância e perpetuado até a velhice, ainda permanece ditando regras e determinando corporeidades. Diante de uma sociedade que reproduz códigos dominantes, o "tornar-se homem" é uma construção que atravessa toda a vida de um indivíduo, na qual afastar-se do feminino e aproximar-se da virilidade simboliza moldar o corpo de acordo com as construções sociais hegemônicas, criando um modelo único de masculinidade. Assim, para Boris (2011):

essa cobrança sócio-cultural exclui o reconhecimento da diversidade da subjetividade masculina, levando à crença de que um homem é construído numa condição absoluta e a partir de preceitos rígidos: nunca chora; tem que ser o melhor; competir sempre; ser forte; jamais se envolver afetivamente e nunca renunciar (Boris, 2011, p. 59).

Segundo Badinter (1993), enquanto para muitos a feminilidade é algo natural, a masculinidade simboliza uma construção diária que deve ser conquistada através de um alto preço, pois a todo instante provas que remetem à virilidade são exigidas. O corpo masculino é constantemente "fabricado" para que não apresente "defeitos", na medida em que a masculinidade não seria

**Ivan Ignácio Pimentel , Jeziel Silveira Silva , Ulisses da Silva Fernandes**

um dado biológico, mas uma construção ideológica que retrata um modelo único de ser homem.

Connel e Messerschmidt (2013, p. 5) desenvolvem o conceito de masculinidade hegemônica, que pode ser compreendida como “um padrão de práticas (*i.e.*, coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre outros homens e consequentemente sobre as mulheres continuasse”. Ao considerá-lo como receptor das normas que definem a masculinidade, o corpo se torna uma fronteira que separa as masculinidades hegemônicas das subalternas. Nesse sentido, pontua Le Breton (2007, p. 10):

de fato, o corpo quando encarna o homem é a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros. Na medida em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica, provocadora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator.

Sabendo que o discurso hegemônico é estabelecido a partir do homem cis, branco e heterossexual, pode-se afirmar que o ideal de masculinidade capitaneado pela honra e virilidade reproduz um modelo de sociedade construído a partir de um padrão idealizado através de uma única visão de mundo. Em Miskolci (2012), pode-se constatar que a construção política moderna brasileira foi um espaço privilegiado para a representação dos interesses e das visões de mundo do homem branco ocidental heterossexual, pois continha discursos de poder considerados legítimos.

Conforme vimos na primeira parte do trabalho, ao ter o seu corpo esvaziado, animalizado e destituído de si, o modelo hegemônico imposto pela branquitude torna-se o passaporte para a humanidade, uma vez que o processo civilizatório representa condição para que um indivíduo dê um passo em direção à humanidade. Diante do imaginário socialmente construído, o mesmo corpo desprezado e considerado primitivo é aquele que exala sensualidade e tem como atributo o instinto sexual exacerbado.

Não há dúvidas do quanto essa concepção é perversa com o corpo negro, pois ao ser reduzido ao falo e ao instinto o corpo passa a ser visto a partir da cor da pele e, consequentemente, pelos adjetivos arbitrariamente definidos. Cabe ressaltar que, ao mesmo tempo em que a virilidade negra é exaltada, o homem negro se torna um "nativo primitivo", excluído e abjeto. Sendo assim:

o abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas ‘não visíveis’ e ‘inabitáveis’ da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para circunscrever o domínio do sujeito (Butler, 2019, p. 18).

A valorização da virilidade do homem negro pelo viés da branquitude é dicotômica e cruel, pois ao mesmo tempo que exalta os atributos considerados cruciais no processo de construção da masculinidade, o corpo negro não alcança o status de sujeito, continuando a ser visto como uma espécie distante da humanidade, incapaz de controlar os seus impulsos e desejos. Além disso,

ainda é associado à violência. Nesse sentido, “da escravidão em diante, os supremacistas brancos reconheceram que controlar as imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial” (bell hooks, 2019, p. 33)<sup>3</sup>. Esse controle pode ser observado em diversos momentos, uma vez que o ideal imaginário de virilidade negra continua vivo e presente no cotidiano das pessoas.

Diante da importância política e social do espaço (Lussault, 2015), pensá-lo de forma múltipla significa compreender a relevância de espacialidades ainda pouco estudadas pela geografia, embora presentes na vida de uma parcela considerável da sociedade. Ao refletir sobre essa perspectiva espacial, constata-se que no ciberespaço tem-se a espetacularização da anatomia dos corpos negros sendo explorada para satisfazer os desejos transgressores alimentados pelo imaginário social desde o Brasil Colônia.

Com a comoditização da negritude, a masculinidade negra falocêntrica torna-se um produto valorizado e vendável. Para bell hooks (2019), o falocentrismo selvagem conduz muitos homens a adotar uma postura sexualmente agressiva como forma simbólica de masculinidade, com corporeidades bem demarcadas a partir de uma perspectiva de gênero.

Ao afirmar que “a apropriação da cultura negra pelo imperialismo cultural mantém a supremacia branca e é uma ameaça constante à libertação dos negros” (bell hooks, 2019, p. 84), a intelectual enfatiza que dois importantes instrumentos culturais representam o homem negro e reforçam a *Outricidade* a nós imposta: a música e o cinema. Para ela, o *rap* no seu estágio embrionário era considerado “coisa de homem” (bell hooks, 2019, p. 88) e, ao mesmo tempo, construía o corpo do homem negro como lugar de prazer e poder. Com a mesma intensidade, a supracitada autora faz duras críticas à indústria cinematográfica, uma vez que a representatividade do homem negro é associada à ideia do “ser muito macho”, de homens “durões” e violentos, reproduzindo todo ideário imposto pela branquitude.

Visando contribuir com o debate proposto por bell hooks (2019), o artigo em tela tem como foco a representatividade negra no ciberespaço, espaço abstrato completamente vinculado às espacialidades e aos imaginários presentes no nosso cotidiano (Wanderley, 2005). Etimologicamente, o vocábulo virtual diz respeito a algo que pura e simplesmente não existe, é lúdico, que está no imaginário, sem perder a força e dinâmica de possibilidade de concretização no espaço concreto.

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência (Virtual, 2024). Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a se atualizar, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. Aqui cabe introduzir uma distinção capital entre possível e virtual que Gilles Deleuze trouxe à luz em *Différence et répétition* (1968). O possível já está todo constituído, mas permanece no limbo. O possível se realizará sem que nada mude em sua

3 bell hooks, nascida Gloria Jean Watkins, em 1952, adotou o nome de sua bisavó, Bell Blair Hooks, como forma de homenageá-la. O uso de letras minúsculas na designação de seu pseudônimo visava dar maior enfoque à sua escrita, não à sua pessoa (Almeida, 2021). No presente artigo, manteremos a grafia completa, bell hooks, em letras minúsculas e em itálico para as citações ao seu nome.



determinação nem em sua natureza. É um real fantasmático, latente. O possível é exatamente como o real, só lhe falta a existência (Lévy, 1996).

Ao considerarmos que o virtual se refere a algo subjetivo, vários fenômenos ou relações que se fazem presentes no plano real são exibidos e alimentados pela virtualidade. A Internet, com a sua virtualidade, tornou-se uma extensão da vida e de ideias em diferentes modalidades, criando acessibilidade a múltiplos locais, favorecendo a integração e o diálogo constante entre diversificadas pessoas que compartilham de posicionamentos semelhantes ou, até mesmo, fantasias condenadas socialmente e moralmente. Para Pimentel, Barbosa e Silva (2021), por meio das comunidades virtuais grupos podem se integrar, favorecendo a integração e o diálogo permanente entre corpos que compartilham fetiches guardados em um baú trancado a sete chaves.

Devido à pandemia de COVID-19 no Brasil, que teve início em março de 2020, pôde-se observar diversos impactos geográficos na sociedade. As medidas impostas para controlar a difusão do vírus, como o distanciamento social e o auto isolamento adjunto da quarentena forçada, foram instrumentos que visavam controlar a frequência e o fluxo de pessoas em espaços públicos e privados de sociabilidade.

A necessidade de confinamento restringiu o espaço de muitos indivíduos ao espaço da casa e levou muitas pessoas a utilizar o ciberespaço como alternativa para o trabalho, a comunicação e o entretenimento. Da mesma forma, muitas pessoas encontraram no universo on-line uma “saída para extravasar a libido quarentenal” (Ramalho, 2021, p. 86), tornando-se assim adeptos e frequentadores de espaços na Rede Internet que possuem como base a pornografia e as suas ramificações (Zattoni *et al.*, 2020).

Esse espaço aparentemente libertador possibilita a satisfação de prazeres íntimos e fantasias, estimulando a criação de grupos, muitas vezes anônimos, que compartilham dos mesmos desejos e, ao mesmo tempo, reproduzem opressões presentes em diversas esferas da vida. Ao representar tais opressões desenvolvidas pela branquitude, bell hooks (2019) afirma que o corpo do "Outro" é visto como algo existente para servir às finalidades do desejo do homem branco. Em paralelo com as perspectivas do cotidiano, o corpo negro é apresentado como uma mercadoria, uma espécie de *sex machine*.

Conforme verificamos em nossas pesquisas junto à Internet, os mecanismos dispostos para acesso à pornografia são incontáveis. Para aqueles mais conservadores, digamos assim, o acesso às imagens eróticas pode se dar através de sítios eletrônicos de buscas universais, como o Google Imagens, sem necessitar de um redirecionamento da página. Para outros, mais corajosos, temos: (1) as salas de bate-papo, como as oferecidas pelo sítio eletrônico Universo Online, mais conhecido como UOL, no qual uma série de salas virtuais são disponibilizadas ao público, possibilitando que os chamados internautas acessem os mais diversos conteúdos a partir de temas que lhes atraem, proporcionando a criação de uma sala virtual específica, além daquelas que permitem o acesso às imagens/chamadas de vídeo, que muitas vezes deslocam-se para outros ambientes/ferramentas como o software Skype; (2) os sítios eletrônicos com conteúdos eróticos gratuitos e privados como os das plataformas *Xvideos*, *PornHub*, *Xhamster*, *RedTube* e o brasileiro *Sexy Hot*,

que dispõem de vídeos nacionais e internacionais de diversos seguimentos eróticos; e por fim, (3) um movimento, que apesar de antigo em alguns países como os Estados Unidos, contudo mais frequente agora no Brasil, chamado de *camming*, um trabalho on-line que envolve exibicionismo e performance em tempo real, a partir do qual, em grande parte, se obtém dinheiro – em outras palavras, algo que poderia ser classificado como prostituição virtual. No Brasil, entre as diversas possibilidades de acesso ao *camming*, se destacam o *Camera Hot*, o *Camera Privê* e o famoso *Only Fans*. Este último utiliza transmissões em forma de *streaming* que podem ocorrer em tempo real ou de forma gravada e comercializada para os seus assinantes.

A procura desse tipo de conteúdo, seja via *camming* ou via sítios eletrônicos de acesso gratuito, obteve um grande crescimento desde o início do período pandêmico. Segundo a pesquisadora Mayumi Sato, em coluna escrita na seção *Universa*, do Portal UOL, “quase um ano de pandemia e desde o seu início, as principais plataformas de pornografia têm registrado recordes históricos de acesso aos seus conteúdos” (Sato, 2021, s./p.). Todavia, de acordo com o jornalista Felipe Branco Cruz (2020), a procura não fica apenas nesse sentido, haja vista que o sítio eletrônico brasileiro *Câmera Hot* conta com cerca de 800 *camgirls*, revelando um aumento de quase 300 mil visitantes. Além disso, os/as profissionais do sexo virtual estão ganhando mais com a chegada de clientes privados das baladas da quarentena, conforme explicita a manchete da reportagem: “Após coronavírus, busca por sites pornô e camgirls cresce no Brasil”.

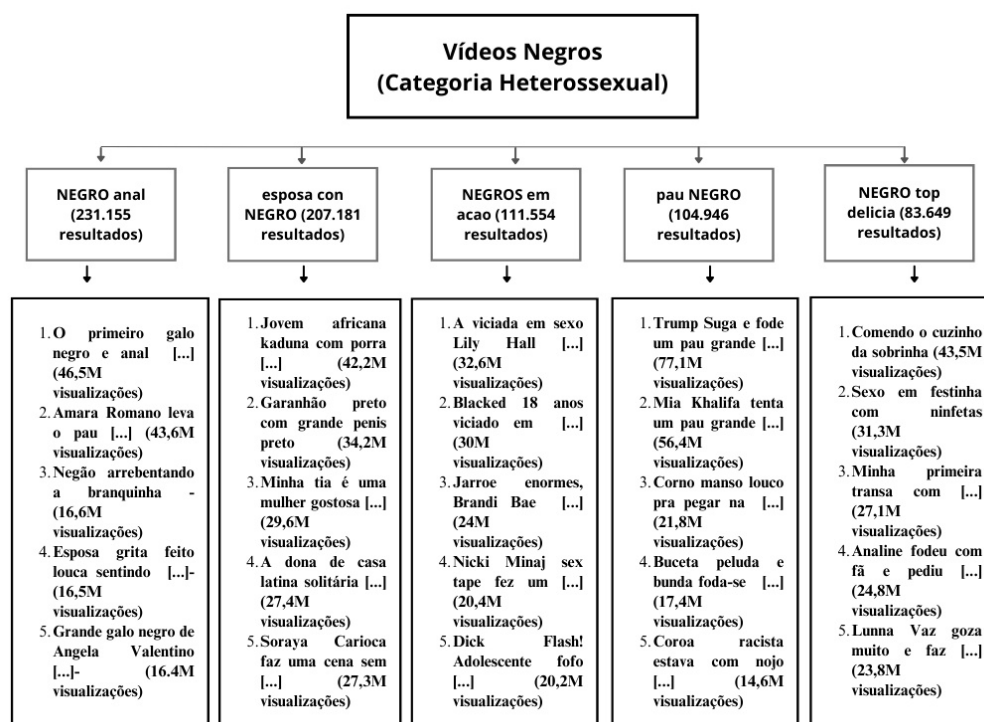
Assim, no mundo virtual, o corpo é transformado em algo objetificado para atender às demandas da indústria pornográfica *fast-food*. No caso do corpo masculino negro, bell hooks (2019, p. 71) afirma que “esse desejo está enraizado na crença atávica de que o espírito ‘primitivo’ reside nos corpos dos Outros de pele escura”. Para Mowlabocus (2015), a *cibercarnalidade* coloca em evidência os processos de mercantilização, já que lentes pornográficas, por meio das quais os corpos são representados no ciberespaço, engendram questões de objetificação, produção de conhecimento e consumo.

Para que o leitor tenha uma visão mais ampla e rica sobre a representatividade do corpo do homem negro no ciberespaço, optou-se por utilizar a plataforma *Xvideos* devido a sua facilidade de acesso e navegação para a compreensão dos conteúdos pornográficos. Para a sistematização dos dados, foram realizados os seguintes procedimentos: (1) acessamos o sítio eletrônico e no campo de pesquisa principal, envolvendo vídeos para o público heterossexual, digitamos a palavra “NEGRO”; (2) coletamos as cinco categorias mais expressivas que apareceram na pesquisa principal no próprio sítio eletrônico, seguindo como critérios para a escolha das subcategorias base: (a) a maior quantidade de resultados; e (b) ignorando as categorias que se repetem, deixando apenas a de maior expressividade (quantidade de vídeos); (3) após a separação de cada categoria, selecionamos cinco vídeos de cada subcategoria, utilizando como parâmetros a base quantitativa, pautada em visualizações, que já se encontra no próprio sítio eletrônico, e selecionamos os títulos dos cinco vídeos de cada subcategoria; por fim, (5) conservaram-se os títulos, as palavras, expressões fiéis que foram encontradas no sítio eletrônico e nos vídeos disponíveis, mantendo assim a originalidade do conteúdo, sem

perder a essência. Não modificamos os termos e não arredondamos o número de visualizações de cada categoria e subcategoria. Quando os títulos eram extensos, optamos por utilizar reticências – [...] – para não poluir o infográfico, facilitando a busca e a compreensão dos títulos para quem tivesse curiosidade de assistir aos vídeos analisados.

Para que se possa compreender o quanto a visão construída pela branquitude ainda faz parte do imaginário social, principalmente no ciberespaço, a sistematização dos vídeos racializados em categorias e subcategorias demonstra, de forma nítida, o quanto a imagem do homem negro permanece completamente vinculada à perspectiva falocêntrica. Na Figura 01, a seguir, buscou-se analisar os vídeos racializados voltados para o público heterossexual. As cinco categorias selecionadas (NEGRO anal, esposa *con*<sup>4</sup> NEGRO, NEGROS em ação, pau NEGRO e NEGRO *top* delícia) são as mais visualizadas na aba heterossexual da plataforma *Xvideos*. Todas possuem em comum um elemento: a espetacularização do homem negro para atender aos imaginários criados pela branquitude ou a reprodução da masculinidade animalizada que reduz o homem negro à perspectiva falocêntrica.

Figura 01 – Principais vídeos sobre homens negros na plataforma *Xvideos.com*



Fonte: Reelaborado pelos autores (2024)..

Ainda de acordo com a Figura 01, observa-se que as cinco principais categorias disponibilizam o total de 738.485 (setecentos e trinta e oito mil quatrocentos e oitenta e cinco) vídeos que já foram assistidos 765.300.000

4 Optamos por manter a forma *con*, em língua espanhola, mantendo a versão original do vídeo na plataforma *Xvideos*. Notificamos que, os vídeos listados estão com o título original na plataforma.

(setecentos e sessenta e cinco milhões e trezentos mil vezes). Expressões como "galo negro", "pau grande", "negão arrebetando a branquinha", "vara enorme", "rola preta do negão" e "grande galo negro" estão presentes em todas as categorias e são utilizadas para valorizar o tamanho do pênis e a virilidade do homem negro. Em todas as subcategorias, o sexo envolvendo o negro sempre remete a uma perspectiva de violência ou brutalidade. Ou seja, nos vídeos observa-se o resgate de um padrão identitário essencialista, uma vez que o homem considerado primitivo servirá de suporte para alimentar o imaginário social.

O mesmo imaginário que faz com que "todo camburão tenha um pouco de navio negreiro" (Todo, 1994) – fazendo referência à música da banda O Rappa, composta por Marcelo Yuca – exalta e celebra a virilidade do homem negro na plataforma *Xvideos*. Parece contraditório, mas, em se tratando de uma herança da modernidade, não podemos deixar de observar que em ambos os casos o corpo esvaziado de si reproduz uma perspectiva animalizada, de acordo com a hierarquia racial criada pela branquitude. Nas palavras de bell hooks (2019, p. 206):

as muitas imagens da masculinidade negra falocêntrica glorificadas e celebradas em músicas, vídeos e filmes de rap são representações evocadas quando supremacistas brancos buscam conquistar aceitação e apoio para o ataque genocida aos homens negros, especialmente os jovens.

Para o artigo que ora apresentamos, destacamos que o genocídio do corpo pode ser associado à morte simbólica ocasionada pelas imposições estabelecidas pelo neocolonialismo. A transgressão imposta ao corpo negro o transforma em um ser em construção, um receptáculo vazio para receber os pressupostos determinados pela branquitude. Violentamente, a existência do corpo negro passa a ser associada ao papel que lhe é determinado arbitrariamente pela branquitude.

Sendo o/a sujeito/a negro/a uma construção cultural significada no tempo e no espaço, conforme apontamos na primeira parte do texto, a sua não-existência ou a sua subalternização “o aprisiona como a/o ‘Outra/o’” (Kilomba, 2019, p. 30), transformando-o em um ser menos evoluído, naquilo de que o homem branco deseja se distanciar. Embora a valorização do homem negro, em virtude do falo, e a utilização de termos como "garanhão preto" ou "grande galo negro" permaneçam aprisionando o homem negro na figura do "Outro", destituindo-o de elementos pertencentes aos “seres universais” e reduzindo-o a ser instintivo, o seu corpo se torna objeto de cobiça e desejo.

A mercantilização que parece exaltar o corpo negro por meio da "rola preta do negão" ou "vara do negão" no ciberespaço, na verdade o humilha, o deprecia e o resume ao "negão arrebetando a branquinha", reduzindo o corpo ao pênis e às atitudes brutais e violentas. Diante dos atributos sexualmente construídos pela branquitude, talvez por isso, o número de vezes que os vídeos foram exibidos não nos surpreenda, mas deixe nítido como o negro é visto pela sociedade, como é posto por César (2019, p. 59):

se a menina quer se relacionar com um negão – esse de filme pornográfico – é muito comum que homens negros assumam esse papel sexual agressivo e violento para satisfazer os desejos e fetiches de sua parceira ou parceiro, mesmo que essa não seja a maneira como ele goste e prefira se relacionar. Isso é uma autoimposição doentia que nos limita enquanto homens plurais e nos frustra, porque não conseguimos alcançar esses padrões e imposições. Nossa autoestima fica minada e isso acarreta uma série de consequências negativas.

A virilidade do homem negro, tão destacada, simboliza a representação da animalidade, retratando que os corpos são desejados, mas também denota aquilo que a sociedade branca empurra para o lado, que ela chama de ameaçador, proibido e perigoso (Kilomba, 2019). Por meio dos significados corporais socialmente construídos, os corpos negros trazem consigo marcas que atravessam o imaginário social e possibilitam a negociação dos seus corpos, o que, ironicamente, satisfaz os desejos latentes daqueles que marginalizam e inferiorizam os corpos negros.

No mundo dos filmes pornográficos, a hipersexualização do corpo negro funciona como uma regra que se repete constantemente. Na visão de César (2019, p. 57), “todos os filmes que envolvem atores negros seguem um padrão muito nítido: são homens magros, altos, com corpos definidos ou musculosos e, principalmente, um pênis avantajado”. A necessidade da branquitude de fetichizar o corpo negro na pornografia e nos conteúdos eróticos envolve uma busca pelo prazer. Em bell hooks (2019, p. 75), pode-se observar que:

é precisamente o anseio pelo prazer que levou o Ocidente branco a sustentar uma fantasia romântica com o ‘primitivo’ e uma busca concreta pelo paraíso primitivo real, que poderia estar localizado em um país ou num corpo, um continente escuro ou uma carne escura, percebidos como a encarnação dessa possibilidade.

Defronte às fantasias sustentadas a partir do corpo negro, os discursos morais e sexuais da sociedade branca civilizada são deixados de lado e dão lugar aos fetiches que marcam o corpo negro no espaço real. Se do lado de fora da tela os corpos animalizados e hipersexualizados precisam ser domesticados e disciplinados para atingir o status de civilizados, no ciberespaço eles se tornam mercadorias oriundas do imaginário da branquitude, representando o ideal falocêntrico que se efetiva em diversos cenários e contextos. É a partir disso que as plataformas de vídeos e as grandes indústrias pornográficas enriquecem, pois exploram essa imaginação quando dispõem de filmes com temáticas que hipersexualizam os homens negros em seus catálogos, atraindo cada vez mais consumidores.

O ciberespaço, por meio da plataforma *Xvideos*, reproduz uma perspectiva essencialista do homem negro, que além de reduzi-lo ao falo, cria uma corporeidade única e impõe um papel sexual agressivo e violento como algo pertencente ao núcleo identitário do corpo negro. Embora muitos considerem a virilidade como algo positivo, as heranças da modernidade continuam nos inferiorizando como homens e é destrutiva para todos nós. Se opor às perspectivas impostas pela modernidade constitui um importante passo para



que o corpo negro seja valorizado pela sua cultura, ancestralidade e intelectualidade, contrapondo o seu esvaziamento e a construção do corpo como espaço a partir dos pressupostos defendidos pela branquitude.

### **Considerações finais**

As condutas e as normas direcionadas aos corpos negros fazem com que múltiplos indivíduos tenham a sua identidade e essência catalogadas a partir da branquitude que a define e a restringe, principalmente no espaço real. Dessa forma, esses corpos passam a ser vistos e constituídos através de fronteiras vivas, nas quais esses mesmos corpos podem ser subalternizados por meio de múltiplos fenômenos da sociedade ou aceitos mediante um ideal de masculinidade.

As heranças da modernidade conceberam o corpo negro masculino em termos pejorativos, reduzidos, os quais o inferiorizam e subalternizam, colocando o homem branco como símbolo de masculinidade hegemônica que preza pela inteligência e capacidade criativa. Ao excluir e segregar espacialmente e intelectualmente os corpos indesejáveis, o corpo negro passa a ser animalizado e potencializado por sua anatomia física, força, pelo imaginário fálico e viril, que na visão de inúmeros representa um "animal insaciável" pronto e sempre disposto a atender aos desejos, às fantasias e aos fetiches alimentados pela branquitude e pela mídia, de um modo geral.

Com o advento da sociedade em rede a partir do ciberespaço, em especial com a plataforma *Xvideos*, os corpos negros masculinos passam a ser utilizados no sentido de reforçar o estereótipo de virilidade, promovendo um verdadeiro espetáculo do corpo. Corpos esculpido, pênis que ultrapassam o tamanho padrão e práticas sexuais que extrapolam as quatro paredes, invadindo as ruas, as vielas, os carros e os locais movimentados, fazem com que esses corpos despertem a curiosidade e o imaginário de uma sociedade que, ao desligar a tela e voltar ao mundo real, ofende, insulta, desacata e ataca esses mesmos corpos fetichizados, tornando-os apenas aptos a servir no espaço da cama ou em espaços específicos.

Ao longo do artigo apresentado, buscou-se demonstrar que, ao interiorizar esses sentimentos e perspectivas sustentados pela modernidade, deixamos de lado a riqueza dos nossos ritmos e a musicalidade de geniais artistas negros que influenciaram os rumos da música popular brasileira. Além disso, abandonamos a geografia dos sabores que cruzou o Atlântico, a qualificação mineradora dos escravizados do Benin e Toga que vieram para o Brasil e a força intelectual de escritores e intelectuais como Lima Barreto, Abdias do Nascimento, Milton Santos, Andreilino Campos e Alex Ratts.

Ao investigar o corpo negro e a potencialização erótica que ele desempenha na Internet, percebemos que a modernidade nos esvaziou e, violentamente, retirou de nós a natureza humana, fazendo do corpo negro um espaço moldado de acordo com os pressupostos e vontades da modernidade. Cabe ressaltar que o corpo é um espaço de existência, resistência, luta por igualdade e humanidade. A força do negro não está no seu pênis ou em quantos pés da cama ele é capaz de quebrar, mas no corpo que [re]existe e traz consigo o poder da sua ancestralidade, aquela que cruzou o Atlântico e permanece viva

entre nós.

Valorizar toda a nossa riqueza juntamente com o conhecimento, a criatividade e a inteligência herdadas pelo homem negro representam um importante passo para que as crianças e os jovens interiorizem a sua real existência e deixem de lado os pressupostos brutalmente impostos pela modernidade e severamente reverberados pela branquitude em diversas espacialidades.

### **Referências**

ALMEIDA, Mariléa. bell hooks. **Blogs de Ciências da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 21-33, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/04/bell-hooks-1.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BONITINHA, mas ordinária ou Otto Lara Resende. Direção: Braz Chediak. Produção: Pedro Carlos Rovai. Rio de Janeiro: Sincrocine, 1981. 1 DVD.

BONITINHA, mas ordinária. Direção: Moacyr Góes. Produção: Diller Trindade. Rio de Janeiro: Diller & Associados, 2013. 1 DVD.

BORIS, Georg Daniel Janja Bloc. **Falas de homens: a construção da subjetividade masculina**. São Paulo: Annablume, 2011.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 2, 2014. p. 472-486.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1978.

CÉSAR, Caio. Hipersexualização, autoestima e relacionamento inter-racial. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (Orgs.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 53-76.

**Ivan Ignácio Pimentel, Jeziel Silveira Silva, Ulisses da Silva Fernandes**



CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo editorial, 2019.

CONNELL, Robert W.; MESSERSHIMDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan.-abr. 2013.

CRUZ, Felipe Branco. Após coronavírus, busca por sites pornô e camgirls cresce no Brasil. **Veja** [digital], São Paulo, 20 de março de 2020. Seção Cultura. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/apos-coronavirus-busca-por-sites-pornos-e-camgirls-cresce-no-brasil/>. Acesso em: 06 jun. 2024.

CRUZ, Valter do Carmo. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In: CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denílson Araújo de (Org.). **Geografia e giro descolonial**: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017, p.15-36.

EZE, Emmanuel Chukwud. El Color de la Razón: La Idea de “Raza” em la Antropología de Kant. In: MIGNOLO, Walter; EZE, Emmanuel Chukwud; HENRY, Paget. **El color de la razón**: racismo epistemológico y razón imperial. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p.19-62.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora Edufba, 2008.

FARIAS, Erika. Pesquisadora explica conceito de branquitude como privilégio estrutural. **Portal Fiocruz** [digital], Rio de Janeiro, 17 de maio de 2019. Seção AFN Notícias. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/pesquisadora-explica-conceito-de-branquitude-como-privilegio-estrutural>. Acesso em: 06 jun. 2024.

FERREIRA, Danilo Cardoso; RATTS, Alex. Geografia da diferença: diferenciações socioespaciais e raciais. **Revista GeoAmazônia**, Belém, v. 04, n. 07, p. 97-105, jan.-jun 2016.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis,

RJ: Vozes, 2013.

GÓIS, Douglas; CORDEIRO, Ana Luiza Alves. Masculinidades e corporeidades de meninos negros na perspectiva de uma educação antirracista. **Revista de Ciências Humanas**. Dossiê Educação das Relações Étnico-Raciais, Florianópolis, v. 2, n. 21, p. 188-220, jul.-dez. 2021.

GOMES, Regina. Interação na internet e ideologia: excesso e atenuação. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 55-72, abr. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/181037/170684>. Acesso em: 06 jun. 2024.

HENRY, Michel. **Filosofia e fenomenologia do corpo**: ensaio sobre a ontologia Biraniana. São Paulo: É Realizações, 2012.

HEROD, Andrew. **Scale**. New York: Routledge, 2011.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

IMPOSIÇÃO. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [digital], 2024-[2008], Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/imposi%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 06 jun. 2024.

IRIZARRY, Ricardo; GALLAHER, Haley; SAMUEL, Steven; Soares, Jason; Villela, Julia. How the Rise of Problematic Pornography Consumption and the COVID-19 Pandemic Has Led to a Decrease in Physical Sexual Interactions and Relationships and an Increase in Addictive Behaviors and Cluster B Personality Traits: A Meta-Analysis. **Cureus**, v. 15, n. 6, p.8-11, 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

LÈVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LUSSAULT, Michel. **El hombre espacial**. La construcción del espacio humano. Buenos Aires: Amorrortu, 2015.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MENDES, Bruno Farias. **Pornografia on-line: uma nova forma de consumo compulsivo**. Tese (doutorado em Administração de Empresas) – Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/49420/49420.PDF>. Acesso em: 06 jun. 2024.

Ivan Ignácio Pimentel, Jeziel Silveira Silva, Ulisses da Silva Fernandes



MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Annablume, 2012.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Annablume, 2007.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOTA, Inês Montes Pinto Milheiro da. **O impacto da pandemia na utilização das Redes Sociais**. Dissertação (Mestrado em Gestão) – Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/38843/1/203042832.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

MOWLABOCUS, Sharif. Cultura do Gaydar: torcendo a história da mídia digital na Grã-Bretanha do Século XX. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago. **No emaranhado da rede**: gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodológicos do presente. São Paulo: Annablume Editora, 2015, p. 49-80.

OTO Lara Rezende ou Bonitinha, mas ordinária. Direção: J. P. Carvalho: Produção: Jofre Rodrigues e Jece Valadão. Rio de Janeiro: Magnus Filmes, 1963. Filme completo HD 720 [online], Cinema para Milhões. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GKqS7M-auIY>. Acesso em: 09 jun. 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (Eds.). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 391-415.

PENA, João Soares. Espaços de excitação: breve trajetória do pornô nas salas de cinema no Brasil. **Periódicus**, Salvador, n. 9, v. 1, p. 434-455, mai.-out. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23949/16126>. Acesso em: 06 jun. 2024.

PETRUCCELLI, José Luís. Raça, identidade, identificação: abordagem histórica conceitual. In: PETRUCCELLI, José Luís.; SABOIA, Ana Lucia (Org.). **Características étnico-raciais da população classificação e identidades** – IBGE. Rio de Janeiro, 2013.

PIMENTEL, Ivan Ignácio, BARBOSA, Ana Carolina Santos, SILVA, Jeziel Silveira Silva. (2021). Qual o espaço do t-lover?: o armário no contexto do ciberespaço. **Geo UERJ**, n. 39, e55134, 2021.

RAMALHO, Núbia Sena dos Santos. O Camming no Brasil: uma breve análise sobre a satisfação de necessidades eróticas e afetivas em tempos de



pandemia. In: SILVA, Maynara Costa de Oliveira; SIQUEIRA, Laurinda Fernanda Saldanha (Orgs.). **Diálogos contemporâneos: gênero e sexualidade na pandemia**. São Luís, MA: Editora Expressão Feminista, 2021, p. 85-93.

RESADORI, Alice Hertzog. Pandemia, aumento do consumo de pornografia e a objetificação das transidentidades. **Empório do Direito** [digital], São Paulo, 16 de outubro de 2020. Disponível em: <https://emporiiododireito.com.br/leitura/pandemia-aumento-do-consumo-de-pornografia-e-a-objetificacao-das-transidentidades>. Acesso em: 06 jun. 2024.

RODRIGUES, Nelson. **Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária: peça em três atos: tragédia carioca**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012 (1962).

SATO, Mayumi. Pandemia e pornografia: 60% têm consumido mais e vício preocupa. **Portal UOL** [digital], São Paulo, 21 de fevereiro de 2021. Seção Universa. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/mayumi-sato/2021/02/21/pandemia-e-pornografia-60-tem-consumido-mais-e-vicio-preocupa.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 09 jun. 2024.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. In: PIRES, Claudia Luisa Zeferino; HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da. **Plurilocalidade dos sujeitos: representações e ações no território**. Porto Alegre: Compasso LugarCultura, 2016, p. 5675.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TODO camburão tem um pouco de navio negreiro. Intérprete: O Rappa [banda]. Compositor: Marcelo Yuka. In: **O Rappa**. Intérprete: O Rappa [banda]. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1994. 1 CD, Album, Stereo, faixa 3 (4:36 min).

VAZIO. In: **DICIO** – Dicionário Online de Português [digital], 2024-[2009]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/vazio>. Acesso em: 09 jun. 2024.

VIRTUAL. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [digital], 2024-[2008]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/virtual>. Acesso em: 09 jun. 2024.

WANDERLEY, Marcelo Solé. Ciberespaço, a ambiguidade do concreto e do

abstrato. **Educação Pública** [digital], Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 2005. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/-ciberespacedilo-a-ambiguidade-do-concreto-e-do-abstrato>. Acesso em: 09 jun. 2024.

ZATTONI, Fabio; GÜL, MURAT, SOLIGO, Matteo; MORLACCO, Alessandro; MOTTERLE, Giovanni; COLLAVINO, Jeanlou; BARNESCHI, Andrea; MOSCHINI, Marco DAL MORO, Fabrizio. The impact of COVID-19 pandemic on pornography habits: a global analysis of Google Trends. **International journal of impotence research**, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41443-020-00380-w>. Acesso em: 05 jan. 2022.

#### **Contribuição de Autoria / Contribución de autoría**

Ivan Ignácio Pimentel - Conceituação, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Escrita (primeira redação).

Jeziel Silveira Silva - Conceituação, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Visualização infográfico, Escrita (primeira redação).

Ulisses da Silva Fernandes – Conceituação, Análise Formal, Metodologia, Escrita (revisão e edição).

**Recebido em 18 de junho de 2024.**

**Aceito em 06 de março de 2025.**

**Ivan Ignácio Pimentel , Jeziel Silveira Silva , Ulisses da Silva Fernandes**

